



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Casos colecionados sobre a memória espírita¹ **Cases collected on spiritist memory**

João Damasio²

Resumo: O artigo expõe casos múltiplos colecionados em torno de uma busca por especificidades do espiritismo em mediatização: as imagens do Museu Nacional do Espiritismo; os arquivos do Centro de Documentação e Obras Raras; o conteúdo do grupo Espiritismo com Kardec, no Facebook; e a circulação de denúncias contra médiuns. São identificados os movimentos significantes de cada caso e elabora-se uma tentativa de convergência entre eles em torno de uma hipótese sobre a memória espírita: na circulação do espiritismo, por diferentes teleologias, o alvo é a memória. Contudo, o texto pretende apenas abrir o debate para novas conformações no processo de pesquisa da tese em andamento.

Palavras-chave: Espiritismo; Memória; Mediatização.

Abstract: The article exposes multiple cases collected around a search for specificities of spiritism in mediatization: the images of the National Museum of Spiritism; the archives of the Rare Works Documentation Center; the content of the group Espiritismo com Kardec, on Facebook; and the circulation of complaints against mediums. The significant movements of each case are identified and an attempt is made to converge between them around a hypothesis about the spiritist memory: in the circulation of spiritism, through different teleologies, the target is memory. However, the text only intends to open the debate to new conformations in the thesis research process in progress.

Keywords: Spiritism; Memory; Mediatization.

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Doutorando em Ciências da Comunicação (Unisinos). Bolsista CAPES Proex.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

A partir de um confesso interesse de pesquisa sobre o espiritismo e a comunicação, com atenção ao fenômeno da mediação na sociedade, este artigo busca uma forma de mexer em materiais observáveis de modo que, ao colocá-los em movimento, se possa deixar ver e desenvolver um processo de auto percepção tentativa de constituição de um caso de pesquisa.

Este texto, então, é um movimento descritivo estimulado pela disciplina de Estudos Empíricos em Mediação, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, sob a orientação da professora Dra. Ana Paula da Rosa, que também orienta a pesquisa de doutorado do autor.

Diante de diversas materialidades, escolhemos as que mais nos saltam aos olhos após um ano acompanhando casos com atenção a indícios de problemáticas envolvidas na mediação do espiritismo. Acreditamos que o espiritismo desafia a noção de mediação da religião, tanto porque nem sempre se admite como religião e – por este e outros motivos – não parece seguir o movimento de mediação que tem sua origem narrada nas igrejas eletrônicas ou nos cultos televisivos.

O espiritismo é uma religião que nasce já no que Benjamin denominou como a era da “ressurreição luminosa” de todas as doutrinas, ou seja, a era da reprodutibilidade técnica. A fotografia espírita, por exemplo, emergiu junto à própria fotografia. Outras formas se desenvolveram com o tempo e, mesmo assim, parece não ser uma religião ou doutrina tão afeita à circulação midiática nos moldes das religiões de tradição católica ou protestante, ainda que a elas se filie quando se afirma cristã.

Também não se trata de uma religião silenciada socialmente como ocorre com diversas religiões de matrizes africanas ou indígenas. É, sim, uma religião presente na formação do sincretismo brasileiro, presente em diversos momentos da cultura popular e midiática, inspirando telenovelas e, mais recentemente, filmes.

Mas não é de fotografia de espíritos ou da referencialidade das telenovelas que se trata quando tento perceber traços da mediação do espiritismo – estes traços que podem questionar uma virtualidade que afeta e transforma o modo de ser no mundo espírita ou no mundo dos espíritos.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

1. Coleção, uma reflexão

Não constituímos *corpus* prévio, mas buscamos algum tipo de saturação de acordo ao objeto e aos procedimentos.

Uma primeira – mas permanente – atitude no movimento de que trata este artigo é a do *flaneur*. Walter Benjamin inspira esse procedimento, que começa com deixar-se perder (KILPP, 2002, p. 11), o que propicia, a meu ver, explorações e decisões. Tendo em vista inicialmente apenas um tema, mas não um objeto de pesquisa, a *flanerie* tem propiciado a busca por indícios, movimento que orienta a pesquisa para a percepção de lógicas tentativas e não instituídas e processos midiáticos de experimentação social, conforme a linha de pesquisas a qual pertença.

O primeiro movimento que tenho realizado nesse sentido é a visita a sites institucionais, grupos e páginas de sites de redes sociais, sede de federações e casas espíritas brasileiras. Esta visita, nos meios digitais, foi frequente e diária, com anotações para um exercício descritivo sobre os sentidos postos em circulação nos grupos e comentários. Foi uma discussão prolífera em um grupo no Facebook que despertou o olhar para os museus espíritas. Como sujeito presente em alguns espaços espíritas, presencialmente, visitei as instituições próximas, em atividades cotidianas, envolvendo a sede de federações espíritas nos estados (Goiás, Rio Grande do Sul e Paraná), a filial de Porto Alegre da Confederação Espírita Pan-Americana e diversas casas espíritas, acompanhando pelo menos uma com mais frequência. Tais movimentos, de ordem pessoal, também aguçam a curiosidade e o movimento que, na antropologia, remete ao estranhamento relativo do que nos é próximo. Por fim, com objeto empírico um pouco mais circunscrito, visitei o Museu Nacional do Espiritismo em Curitiba (PR). Até o momento, tenho trabalhado na descrição destas experiências e na produção de inferências ou hipóteses.

Enquanto durar a busca por indícios, até que tenha constituído um caso de pesquisa, mantereí a atitude do *flaneur*, somada à atividade descritiva das experiências.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Esse foi de fato o primeiro movimento que ganha sentido na constituição do objeto de pesquisa. Se nos deixarmos inspirar pelo método do bergsonismo (DELEUZE, 1999; BERGSON, 2005), a intuição, vínculo estritamente a atitude do *flâneur* como potencializadora da intuição, por permitir seguir, de algum modo, dados imediatos da consciência – ou do fio da experiência.

Para um espírito que seguisse pura e simplesmente o fio da experiência, não haveria vazio, não haveria o nada, mesmo relativo ou parcial, não haveria negação passiva. Um tal espírito veria fatos sucederem a fatos, estados a estados, coisas a coisas. O que ele anotaria a todo momento seriam coisas que existem, estados que aparecem, fatos que se produzem. Viveria no atual e, caso fosse capaz de julgar, sempre afirmaria apenas a existência do presente (BERGSON, 2005, p. 318).

Dotada de flexibilidade do método e rigor dos princípios, a intuição serve, conforme Deleuze (1999) à formulação do misto, constituído por uma virtualidade (objeto de pesquisa, que dura no tempo, como modo de ser) e as atualizações (objeto empírico, que atualiza a virtualidade, como modo de agir), de modo que um contém o outro. A cada movimento da pesquisa, com a delimitação dos indícios do objeto empírico, recompomos a virtualidade e, conseqüentemente, o misto, “mostrando como se passa de um sentido ao outro e qual é o ‘sentido fundamental’” (DELEUZE, 1999, p. 8).

A intuição contribui, de modo nítido, para a constituição de um verdadeiro problema de pesquisa, inscrito na duração e se atualizando ao diferir de si mesmo. Aqui, tentarei articular no problema objetos de naturezas distintas e tento responder a ele com a identificação ainda genérica da memória espírita se atualizando sob diferentes intencionalidades e superfícies na circulação típica da sua mediação.

A seguir, mais do que aventar já um fechamento da questão, me proponho a refletir acerca dos movimentos cognitivos aqui colocados, que demarcam uma etapa do desenvolvimento da tese.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Trabalharei quatro de minhas coleções: 1) As curadorias de um museu que, para falar do mundo espiritual, expõe sobretudo imagens e objetos que reforçam a capacidade de materialização como prova mediúnica. 2) O resgate documental de cartas, registros e da biblioteca de Allan Kardec em um esforço de digitalização revivendo querelas doutrinárias e resultando na descoberta de adulterações e na publicação da restauração de uma das cinco obras básicas do espiritismo. 3) As interações em fóruns ou grupos de espíritas na internet fazendo circular fragmentos da história e das práticas espíritas entre auto-reafirmações variantes do religioso ao científico. 4) Os casos de médiuns acusados de ilegalidades, emergindo de denúncias em redes sociais, expondo ilustrações ritualísticas e demandando posicionamentos públicos acerca da fenomenologia espírita.

Tentarei esboçar uma coleção maior (ou virtualidade) com os enunciados acima, percebendo-os como indícios. Esse esforço se origina menos em uma problematização *a priori* e mais em uma espécie de *flanerie*, balizada entre o espiritismo (como tema para o objeto de estudo) e a midiatização (como perspectiva heurística para a tese em andamento). O que reúne e nomeia uma coleção assim, se não uma afecção? Se “a relação necessária está certamente no sujeito, *mas enquanto ele contempla*” (DELEUZE, 2001, p. 9), é contemplando que dou a ver a relação ou afecção. Ver o que nos olha.

Segundo Deleuze (2001, p. 19), “o mais importante princípio que afeta o espírito vai ser estudado, primeiramente, na atividade, no movimento de um sujeito que ultrapassa o dado: a natureza da relação causal é apreendida na inferência”. Quando descrevo os enunciados acima, ainda que tão brevemente, ultrapasso o dado. Já acrescento minha atividade contemplativa, subjetiva, intuitiva e inferencial ao dado empírico e só assim, sob a atividade subjetiva, é que ele se dá a ver; se constrói.

Do que vejo, “não se pode descrever tudo”, motivo pelo qual Verón (2004, p. 164) recomenda uma “exploração sistemática de *corpus* constituídos conforme critérios explícitos e examinados na organização dos desvios interdiscursivos que neles se



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

delineiam”. Ou seja, ainda que inicialmente esparsos, colocar os observáveis em relação “torna visíveis as propriedades que devem ser consideradas”.

Optar ou direcionar pela via da empiria e, especialmente, pela caracterização indiciária, já é uma opção metodológica na pesquisa, “uma atitude orientada para a análise de casos individuais, reconstruíveis somente através de pistas, sintomas, indícios” (GINZBURG, 1989, p. 154).

O exercício praticado nesse texto objetiva indiciar uma coleção e apresentar relações, dar a ver afecções, um entendimento, uma associação, “o movimento da paixão que devém social” (DELEUZE, 2001, p. 5).

2. Observáveis indiciados e inferências sobre a coleção

2.1. Resistências da imagem: Museu Nacional do Espiritismo

O Museu Nacional do Espiritismo (Munespi) foi fundado pela Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (SBEE) em 1965 e está localizado na Vila Tingui, em Curitiba (PR). Da observação *in loco*, destacamos a exposição de produtos mediúnicos como psicopictografias³ e objetos de materializações. (DAMASIO, 2018).

³ Pinturas mediúnicas atribuídas a um espírito, geralmente de pintores reconhecidos no passado.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais



Figura 1 - Psicopictografias expostas no Munespi em setembro de 2018
Fonte: Fotografia do autor.



Figura 2 - Cone utilizado para materialização de espíritos, fotografia do médium e de um episódio de materialização
Fonte: Fotografia do autor.

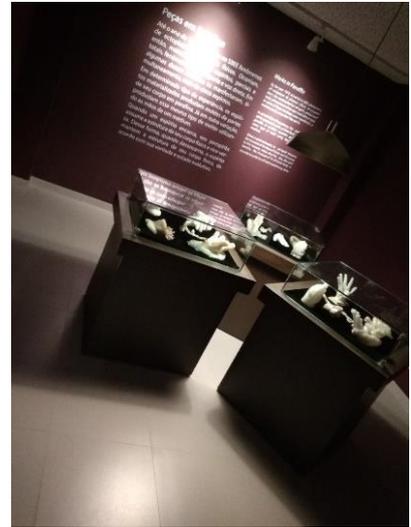


Figura 3 - "Mãos de cera" produzidas durante o trabalho de ectoplasmia materializando mãos de espíritos
Fonte: Fotografia do autor.

As figuras 1, 2 e 3 mostram em um museu pinturas e objetos elaborados em ritualidades de comunicação com espíritos e expostas com o claro intuito pedagógico de demonstração e prova da existência dos espíritos. Considero que o espiritismo de modo geral pode ser considerado um exemplar do que Gilbert Duran (2014) denomina como “iconoclasmo endêmico”, um “paradoxo da civilização”, que amplia a reprodução de imagens e as “destrói” pela abstração. A imagem e o rito não são admitidos doutrinariamente. O valor está nas letras (LEWGOY, 2000). O Munespi apresenta uma resistência das imagens como produto significativa da memória espírita.

b) Restauração das origens: Centro de Documentação e Obras Raras

O projeto do Centro de Cultura e Obras Raras foi lançado recentemente, em maio de 2018, pela Fundação Espírita André Luiz (FEAL), em convênio com a Fundação Herculano Pires e anunciando parceria com o Instituto Canuto Abreu, detentor da maior documentação sobre espiritismo no mundo. (DAMASIO, 2018).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais



Figura 4 - Print de acesso a documentos digitalizados do projeto "Cartas de Kardec"

Fonte: Print do autor.



Figura 5 - Print de anúncio do projeto do CDOR

Fonte: Print do autor.

A figura 4 apresenta seis versões de um mesmo documento: uma das 700 cartas de Kardec em preparação pelo CDOR digitalizada do original, transcrita em francês, traduzida para o português e diagramada com identidade visual do projeto para cada uma das versões editáveis. A figura 5 apresenta um de vários *teasers* de produções anunciadas pelo CDOR, que circulam em grupos e páginas de redes sociais.

O trabalho de memória exercido neste museu remete a uma restauração das origens, motivo pelo qual um de seus primeiros efeitos foi a publicação de uma edição restaurada de uma das obras básicas do espiritismo, o livro “A Gênese”, diante da descoberta de alterações substanciais em seu conteúdo ainda no século XIX. A descoberta foi realizada por meio de pesquisa documental das edições e do controle de publicações e as alterações ocorreram justo sobre trechos de antigas querelas de



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

afirmação do espiritismo como ciência ou como religião. É um trabalho de memória que tende a atualizar o conhecimento e a prática espírita, como meta.

2.3. Convocações do imaginário: Espiritismo com Kardec

Há diversos grupos em redes sociais na internet, desde grupos de mensagens e orações até grupos de debate e estudos, reunindo espíritas que antes se articulavam mais em listas de e-mails. Alguns destes espíritas se consideram “livre pensadores” ou não tem vinculação com instituições, o que sempre houve no movimento espírita. Sua prática espírita, poderíamos dizer, é estudar e debater preceitos espíritas na internet.



Figura 6 - Postagem no grupo ECK sobre materialização de espíritos

Fonte: Print do autor.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais



Figura 7 - Postagem no grupo ECK com personalidades da codificação espírita
Fonte: Print do autor.

Acima, as figuras 6 e 7 são dois exemplos, retirados do grupo Espiritismo com Kardec (ECK) no Facebook, e que remetem de algum modo ao trabalho de memória sobre o imaginário espírita também visto nos museus mencionados acima. A figura 6 mostra uma imagem e o debate sobre materialização de espíritos e a figura 7 é uma das muitas postagens agregadas pela *hashtag* #QuemÉQuemECK que resgata e discute a identidade de figuras mencionadas na codificação espírita, sejam espíritos que deixaram mensagens, sejam personagens que conviveram com Kardec etc. Como se dá esse tipo de construção memorial que convoca o imaginário fragmentando, indexando, interpretando, inexaustivo, constituindo uma prática?



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

2.4. Retorno do mistério: Maury Rodrigues da Cruz e João de Deus

Em fevereiro de 2018, o médium Maury Rodrigues da Cruz, diretor do Munespi, foi denunciado por abuso sexual de homens durante um trabalho mediúnico. A denúncia começou pela publicação de um vídeo no YouTube (figura 8) e ascendeu a reportagens em diversos meios, culminando no Fantástico (figura 9). Já no final do ano, em dezembro, outro médium, ainda mais conhecido, João de Deus, foi denunciado por mulheres, que hoje totalizam mais de 300 casos, por abuso sexual também durante atendimentos, o que teve rápida visibilidade por meio do programa Conversa com Bial (figura 10). A primeira tentativa de visibilidade que provavelmente pautou o programa foi uma denúncia postada no Facebook. A figura 11 mostra um caso midiático ainda mais recente de acusações sobre outro médium, Antônio Miguel Rodrigues, no mesmo estado de João de Deus. A denúncia, contudo, não é de abuso sexual, mas de homicídio.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais



Figura 8 - Primeira denúncia via YouTube contra Maury Rodrigues da Cruz
Fonte: Print do autor no YouTube.



Figura 9 - Denúncia contra Maury Rodrigues da Cruz ascende ao Fantástico
Fonte: Print do autor no GloboPlay.



Pedro Bial entrevistou mulheres que afirmam ter sido assediadas por médium

Figura 10 - Deflagrada denúncia contra João de Deus no Conversa com Bial
Fonte: Print do autor no GloboPlay.



Figura 11 - Médium Antônio Miguel Rodrigues denunciado por homicídios
Fonte: Registro do autor na TV Anhanguera.

Não são novos os casos de denúncia contra médiuns. Desde a chegada do espiritismo no Brasil houve acusações notáveis de exercício ilegal da medicina, de difamações religiosas pela igreja, de falsidade ideológica etc. As denúncias de abuso sexual, assim como as demais, retornam a fenomenologia espírita ao lugar do mistério e do obscuro, uma imagem que atitudes pedagógicas de evangelização e unificação do



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

movimento espírita trabalha para desfazer desde, pelo menos, 1949, sob um acordo denominado Pacto Áureo. Inúmeros questionamentos podem derivar daí.

Chama a atenção, midiaticamente, a gramática das três coberturas mencionadas. Na primeira, uma denúncia pelo YouTube demorou meses para ascender nas redes e na mídia. Na segunda, uma postagem no Facebook foi concomitante à deflagração midiática. Por fim, a televisão mostra o repórter batendo na porta de um centro espírita em busca da pauta sobre o médium, desenterrando uma acusação de cinco anos atrás. Há uma fantasmagoria da busca de novas denúncias sobre médiuns?

3. Questionamentos à memória do espiritismo

Na verdade, cada um destes casos poderia ser melhor explorado pontualmente, mas preferi neste momento abranger os diversos ambientes observados durante o primeiro ano de doutorado e apresentar indícios centrais e inferências particulares, podendo circunscrever casos específicos ou não. Nesta configuração, a coleção exposta me remete a um trabalho de memória exercido transversalmente, mobilizando o imaginário e os sentidos espíritas, em instituições de memória (museus), em agrupamentos espíritas (grupos virtuais) e em casos complexos que afetam o imaginário e demandam explicações espíritas (denúncias sobre médiuns).

A despeito da diversidade difícil de conter nos estudos sociológicos e antropológicos sobre a ideia e o movimento espírita, a memória espírita tem se constituído em apresentações, representações, convocações de imagens neste período de uma ambiência em midiatização. Que símbolos são convocados? Como se constituem? Sob que lógicas, operações e regimes de inteligibilidade? Como se tornam razoáveis diante das diversas identidades, cismas e práticas de sujeitos espíritas? Que processos midiáticos são fagicamente capazes de deambular nos tensionamentos entre religião e ciência, culto e cultura, dogma e progressividade? Como uma memória imaterializante, paradoxalmente iconoclasta e recente se constitui na sociedade em midiatização? Até que ponto esta memória, em seu aspecto de imaginário, não constitui também uma



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

experiência mental que elabora suas materialidades específicas? E como esse imaginário dialoga na sociedade em mediação?

Estas questões gerais podem e devem ser especificadas, vistas por meio de marcas apenas superficialmente apontadas nos limites deste trabalho, que se pretendeu abrangente sobre o universo da pesquisa proposta. A afecção em torno do tema da memória espírita é uma aposta a ser discutida, podendo reunir os casos midiáticos ou direcionar a pergunta sobre um ou alguns deles.

Referências bibliográficas

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. In: **Matrizes**, vol. 1, n. 2, abril de 2008, p. 73-88. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143017353004>. Acessado em: 21 dez. 2018.

DAMASIO, João. Exposição e circulação da memória espírita: olhando quatro museus. In: **Anais do III Seminário Discente PPGCOM/UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **Empirismo e subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Editora 34, 2001.

DURAN, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. Renée Eve Levié. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

GUINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

KILPP, Suzana. **Ethidades Televisivas** – Sentidos identitários na TV: Moldurações homológicas e tensionamento. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

LEWGOY, B. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: USP, 2000.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

VERÓN, Eliseo. Espaços de suspeita. In: **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 159-212.